

QUANDO O INDIZÍVEL É DITO, O IMPENSÁVEL DEVE SER PENSADO: ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO DA FALA DE EDUARDO BOLSONARO SOBRE OS PROFESSORES

Josefa Maria dos Santos¹

Maria Alcione Gonçalves da Costa²

Para iniciar nosso texto, gostaríamos de trazer o enunciado que serviu de motivação para o nosso trabalho, o qual foi proferido pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro em ato pró-armamentista ocorrido em Brasília em julho de 2023: “Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante de drogas que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior”. Lido/escutado, do lugar de professoras e professores, esse discurso produz revolta e um efeito de absurdo. É o indizível sendo dito, pior ainda, é o indizível, o impensado sendo dito/repetido/estabilizado por meio de diferentes formulações, todas carregadas de ódio e de violência contra nossa categoria, ao longo dos últimos anos. E é por está sendo dito/repetido/estabilizado que esse discurso precisa ser pensado, repensado e combatido de um lugar de resistência e de crítica racional. Isso porque, como afirma Michel Pêcheux ([1976] 2019, p. 324), “a evidência e o absurdo são primos, primos carnais”, o que implica dizer que, enquanto para nós, o discurso acima produz indignação; para outros, infelizmente, esse mesmo discurso produz e reproduz identificação e, por conseguinte, produz e reproduz violência contra as/os professoras/es, o que nos leva a pensar nas seguintes questões de pesquisa:

- Quais as razões do ódio dos grupos bolsonaristas ao ensino público e à categoria docente?
- Por que é importante para a extrema-direita a criminalização dos docentes alinhados a ideias progressistas?
- Quais os efeitos desse discurso para a educação pública brasileira?

Essas questões não são fáceis de serem respondidas nem pretendemos encerrá-las nesse texto. Porém, para promover algumas reflexões possíveis sobre essas perguntas, trazemos a princípio uma citação da filósofa Marilena Chauí que, em conferência de abertura do Congresso Virtual na UFBA, em

¹ Doutora em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Alagoas (2020). Possui mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). É secretária de Educação do município de Cupira-PE e atua como pesquisadora do Grupo de Estudos em Discursos e Ontologia (GEDON-UFAL), com interesse na área de Linguística e no ensino da leitura/escrita, na perspectiva do discurso.

² Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertaoPe). É doutora em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco (2020). Possui mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). É pesquisadora do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV-UFPE) e tem interesse na área de Linguística e no ensino da leitura e da escrita, na perspectiva do discurso.

2021³, afirmou o seguinte: “[...] a distinção entre o verdadeiro e o falso é a marca essencial do pensamento e por isso podemos dizer que a crueldade se manifesta como ódio ao pensamento”. Isso nos levar a pensar, então, que o ódio do bolsonarismo a nossa categoria deve-se, entre outras razões, ao fato de que, por meio da crítica racional que podemos produzir nos espaços educacionais, é possível produzir fissuras e, esperamos nós, que seja possível desmontar o projeto político autoritário da direita conservadora brasileira, uma vez que o funcionamento do discurso que sustenta esse projeto de poder é a mentira deliberada, é a distorção dos fatos do mundo físico, é o simulacro sustentado pelo funcionamento da razão cínica.

Nesse sentido, nosso trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento do discurso proferido pelo deputado Eduardo Bolsonaro, a partir da perspectiva do cinismo e do autoritarismo, investigando os efeitos de sentido que esse dizer produz e reproduz em uma sociedade marcada historicamente pela desvalorização do professor e da educação pública. Aqui, vale pontuar que o discurso autoritário é pensado a partir dos postulados de Eni Orlandi (2011) que, ao analisar o funcionamento do autoritarismo no discurso pedagógico, afirma o seguinte: “No discurso autoritário, o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida” (Orlandi, 2011, p 17).

Ao fazermos um desdobramento da citação de Eni, podemos dizer que é por estar ausente que o referente é construído/é distorcido discursivamente pelo sujeito autoritário que, aproveitando-se da ausência do referente e aproveitando-se do seu lugar de poder, impõe um sentido único, mesmo que esse sentido não tenha correlação com os fatos do mundo físico. E é por ter “[...] perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continuar a insistir na máscara” (Žižek, [1989] 1996, p. 313), que o sujeito autoritário é, por conseguinte, um sujeito cínico.

Trazendo essa discussão para nosso *corpus* de análise, podemos dizer que o imaginário do professor construído por Eduardo Bolsonaro não tem base na realidade plural do ser professor no Brasil na contemporaneidade, não tem como referência nem mesmo nós professores ditos esquerdistas; o imaginário contruído nesse discurso tem como referência as redes de memória que sustentam o projeto de poder da direita conservadora brasileira, as quais visam colar os sentidos de perversão e de doutrinação às práticas pedagógicas, especialmente, quando se voltam para a discussão de temas como gênero, sexualidade, direitos de minorias, democracia, entre outros temas tão necessários para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que as diferentes formas de existência possam coexistir de forma pacífica e razoável.

Ao analisar o funcionamento do discurso pedagógico, Orlandi (2011, p. 32) aponta que é possível contrapor-se ao discurso autoritário, instaurando a polêmica, “deixando vago um espaço para o outro”. No entanto, quando pensamos no funcionamento do discurso autoritário, na arena da política, percebemos que

³ Disponível em: https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/o-exercicio-e-dignidade-do-pensamento-o-lugar-da-universidade-brasileira-conferencia#:~:text=Marcando%20o%20in%C3%ADcio%20do%20Congresso,o%20lugar%20da%20universidade%20brasileira%22. Acesso em: 5 fev. 2024.

a instauração da polêmica não é suficiente, uma vez que o processo de identificação dos sujeitos a esses discursos parece ser muito mais complexo e difícil de ser combatido. Isso porque se trata de um processo de identificação que se dá por meio do funcionamento da razão cínica, o que implica dizer que o sujeito cínico, mesmo sabendo da distorção entre a universalização ideológica e a realidade social, continua a insistir na irracionalidade de seu dizer, pois o sujeito cínico não tem a pretensão de enganar ou provar alguma “verdade”, mas apenas de fazer os sentidos que sustentam sua posição-sujeito produzirem eco, produzirem barulho entre os sujeitos que se filiam à mesma rede discursiva, pelo viés da repetibilidade, neutralizando, assim, todos os sentidos que se contrapõem ao modo de existir imposto pelo sujeito autoritário.

Com isso queremos dizer que não há espaço para o diálogo, para o contraponto quando estamos diante de um sujeito autoritário, pois o discurso autoritário não deixa, como disse Orlandi, espaço para o outro. O sujeito autoritário visa a aniquilação do Outro, por isso não devemos perder nosso tempo e nossa energia na busca pelo diálogo com esses grupos radicalizados, nosso movimento precisa ser de combate, de luta, de resistência.

A respeito do funcionamento da razão cínica, Žižek ([1989] 1996, p. 313) afirma que “a razão cínica já não é ingênua, mas é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto, mas, ainda assim, não se renuncia a ela”. Assim, é possível afirmar que quando Eduardo Bolsonaro compara os professores doutrinadores a traficantes, ele sabe que esse dizer não tem sustentação na realidade nem mesmo ele acredita no que diz, mas mesmo assim o diz, e ele o diz porque é preciso criar condições para se inibir a crítica racional às ideias que sustentam e alimentam o bolsonarismo no espaço escolar, é preciso criminalizar essa categoria para que se crie um ambiente de repulsa, de vigilância a quem se opõe às pautas conservadoras, enfraquecendo assim os movimentos de resistência e de luta pelos direitos das minorias, inclusive, o direito de existir.

O discurso autoritário proferido pelo deputado e normalizado pela extrema direita, utiliza-se do medo para continuar sua escalada de poder. Assim, já não é suficiente estigmatizar os professores como esquerdistas, comunistas, petistas. A derrota imposta à extrema direita nas eleições presidenciais de 2022 demonstrou que o tão propagado comunismo já não produz os mesmos resultados de outrora, cabe, dessa maneira, à extrema direita, reinventar o dito, retomá-lo, atualizá-lo, (re)produzindo imaginários sociais que dividem os professores em pelo menos dois grupos: o professor doutrinador, perigoso e de esquerda e um “outro” cujo fazer docente é “neutro” e “sem partido”. O que justificaria a necessidade da criação de escolas e professores imparciais (censurados?), como se a neutralidade e o silêncio não significassem, não fizessem ressoar ecos da ditadura, passado sombrio de uma história que, a julgar pelo 8 de janeiro, não acabou por completo. As mesmas vozes que tentaram calar Paulo Freire encarcerando-o por mais de 70 dias continuam a produzir efeitos de memória específicos para citar Courtine (2009). Instigar a violência contra esses profissionais, bem como instaurar o medo nesses professores que resistem, foi e continua sendo um projeto político de poder da elite dominante.

Retomando a materialidade, vemos, como diz Pêcheux (2009), que a escolha das palavras não é um ato aleatório no discurso. O uso do advérbio “talvez”, na fala do deputado, não expressa dúvida ou incerteza, a escolha lexical é utilizada como forma de eximi-lo de responsabilidades com o que afirma diante de seus interlocutores, apoiadores da causa armamentista, causa essa muito combatida por parcela significativa dos docentes tidos como doutrinadores. O uso do “talvez”, no discurso do deputado, busca marcar sua fala dentro dos princípios da liberdade de expressão, cujo objetivo é além de buscar provocar, pelo medo ou pela vergonha, não só um silenciamento desses profissionais, como gerar certa desconfiança da sociedade contra esses docentes. Importante atentar também para o uso da preposição “até” que coloca os docentes em um patamar mais perigoso que os traficantes, seria, na escala de crimes, os sujeitos mais violentos na hierarquia e responsáveis por todos os tipos de “imoralidades” que, numa perspectiva conservadora de costumes, busca destruir os valores morais e as famílias tradicionais. Eduardo Bolsonaro e a extrema direita se alimentam do ataque aos professores para lograr a destruição da oposição e frear o avanço da classe trabalhadora a espaços de conhecimento e de poder.

Assim sendo, pensar em uma educação crítica para a massa de trabalhadores e de seus filhos era e continuará sendo uma ação subversiva e, portanto, passível de ser criminalizada pelo neoliberalismo. Urge, pois, que o (im)pensável seja pensado e se estabeleça enquanto força capaz de se contrapor ao indizível. A resistência a esses e outros discursos é urgente e necessária, vivemos no passado e vivemos no presente tempos sombrios, tempos em que lutamos para minimizar os retrocessos danosos produzidos por “um personagem medíocre e grotesco”, para citar Marx (2011), que foi alçado ao papel de “Mito” da nação. Compreendemos que é preciso lutar pelo direito de existir enquanto docente - e existir com dignidade. Para isso, é preciso “ousar se revoltar” e suportar o que venha a ser pensado, para não esquecer de Pêcheux (2009). No caso dos professores de esquerda do Brasil, é preciso resistir e produzir um outro modo de dizer que rompa com a ordem da continuidade de discursos que potencializam a criminalização da atividade docente e estimulam atos de violência física contra professores dentro e fora das escolas. Notas de repúdio, denúncia ao conselho de ética, ações na PGR (Procuradoria Geral da União) e STF (Supremo Tribunal Federal), campanhas pela cassação do deputado são ações válidas e necessárias, mas não diminuem o efeito devastador de tais afirmações.

É preciso, portanto, resistir, ainda que essa resistência não produza frutos imediatos, ainda que essa resistência possa ser abafada pela (des)ordem do capital, porque a crítica, como conclui Marx ([1843] 2010, p.146), “[...] arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte os grilhões desprovidos de fantasias e consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche”. Concluímos este trabalho desejosas de que flores vivas brotem, que grilhões sejam rompidos para que não tenhamos mais que lutar pelo direito de existir. Isso que dissemos parece ser utópico, mas recusamo-nos a reforçar o conformismo, quer seja na teoria quer seja na prática, e a tratar a história como se não houvesse possibilidades de transformações. Em meio às incertezas, fica o desejo de que as ousadas práticas de resistência-revolta-revolução reverberem e produzam a tão urgente transformação social e emancipação



humana, Transformação essa que garanta a existência para a além da forma-sujeito capitalista contemporânea.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni. [1978]. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

BALDINI, L. J. S. Cinismo, discurso e ideologia. 2009. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/LauroJoseSiqueiraBaldini.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFScar, 2009. p. 104-106.

MARX, Karl. [1843. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. [1976] Linguística e Marxismo: formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. *In*: OLIVEIRA, Gustavo; NOGUEIRA, Luciana (org.). **Encontros em análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 307-326.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, S. [1989] Como Marx inventou o sintoma? *In*: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 297-331.